MILTON SCHWANTES

BREVE HISTÓRIA DE ISRAEL

AMOSTRA

ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Sumário

1. A terra de Israel **7**
2. As origens e o tribalismo **9**
3. constituição da monarquia **17**
4. Os dois reinos: Judá e Israel **27**
5. Reis e império: profetas e pobres **37**
6. Reforma e ruína **49**
7. Sob dominação persa: vida em comunidades e tribos **59**
8. Ainda sob os persas: Neemias e Esdras – Jerusalém e Judá em nova conjuntura **69**
9. Continuando sob os persas: mais aspectos das condições de vida **79**
10. Os macabeus: soluções e limitações **87**

Referências **91**

AMOSTRA

1. A TERRA DE ISRAEL

A Terra de Canaã ou Terra de Israel ou a Palestina é o lugar em que se desenvolve a história de Israel. É uma terra bem delimitada pelos desertos e pelo mar. Está mais aberta em direção ao norte, ao que chamamos de "Síria".

Na direção norte-sul, a Palestina é caracterizada por vales no litoral (Sarom) e pelo profundo vale do Jordão. Entre os dois estão as montanhas da Galileia, da Samaria e de Judá. A história de Israel é a história do povo dessas *montanhas*!

Na direção leste-oeste, a terra está marcada por grande quantidade de vales, criados pelas fortes chuvas do inverno. Isso subdivide o território em muitas unidades pequenas. A terra de Israel é pequena e muito subdividida!

Há períodos de chuva e de seca, como em todo o clima do Mediterrâneo. Estas chuvas distribuem-se de acordo com as montanhas. As terras mais irrigadas ficam ao ocidente das montanhas. Aí está a Sefelá (em Judá).

Nestes setores das montanhas bem como nas planícies (em especial na de Jezreel) havia bosques. Estes foram desaparecendo durante a história de Israel, em especial na época dos romanos. De todo modo, a história de Israel, nos tempos tribais, começa nestes bosques, nestas matas.

A Palestina se localiza entre a Mesopotâmia e o Egito. Duas rotas passam pela Palestina, fazendo a conexão entre os rios Eufrates e Nilo. Uma é o Caminho Real, na Transjordânia. Esta era muito importante quando o poder no Egito estava mais ao sul. A outra era o Caminho dos Filisteus, junto ao litoral. Esta era muito importante quando o poder central egípcio estava perto do delta do rio Nilo. Israel situa-se perto destas rotas, entre as duas, mas

AMOSTRA

nenhuma passa pelas montanhas. Israel está perto, porém não dentro destas rotas.[1]

Não há que esquecer que no cimo das montanhas também passavam caminhos. Justamente onde as águas fluem para um ou outro lado, para ocidente (mar) ou para oriente (rio Jordão). Várias importantes cidades se estabeleceram nesta linha sul-norte. Cito tão somente algumas: Herbom, Belém, Jerusalém, Gibeá de Saul, Siquém, Samaria. É aí que transcorre a história de Israel, em especial nas montanhas, em suas partes bastante altas.

Mas, antes do surgimento de Israel, quer dizer antes de 1200 a.C., estas montanhas eram pouco ocupadas, porque em tempos do bronze era difícil limpar uma mata, como era a que havia nas montanhas. Quando em 1200 a.C. se introduziu o ferro na região, a vida tornou-se mais fácil. Além disso, mais ou menos naqueles tempos também se passa a ter as condições de construir cisternas. Assim se consegue armazenar águas da chuvas para usá-las nas secas do verão.

AMOSTRA

1 Para aprofundamento e detalhamento sobre a História de Israel, recomendo a leitura de Donner, 1997, 2 v.; Echegaray, 1995; 1985.

2. AS ORIGENS E O TRIBALISMO

A ciência histórica não nos apresenta este período de Israel como está no texto bíblico. A reconstrução fornecida pela historiografia difere do que se lê na Bíblia. Como podemos solucionar este problema na pastoral bíblica, sem negar a ciência histórica e sem ferir a fé do povo?

Há um certo consenso na pesquisa: Israel é um fenômeno da Palestina. Não vem de fora. Não, surge pela "conquista" ou por imigração. Há que se explicar a origem de Israel a partir da própria terra de Israel. A este Israel, produto da Palestina, agregaram-se outros grupos, de diversas origens (pastores do Sinai, "escravos" fugidos do Egito etc.).

Existem basicamente duas propostas para explicar o surgimento de Israel na e desde a Palestina: *1.* uns dizem que Israel resulta da imigração de pastores seminômades das cercanias das terras cultiváveis. Afirmam que estes pastores, em algum momento, interrompem sua transumância regular e tornam-se camponeses. Contudo, de onde vem tanta gente a ponto de colonizar as montanhas? Parece mais verdadeiro que, na Palestina, os pastores sejam consequência do campo do que o inverso! *2.* outros afirmam que Israel resulta da desintegração da sociedade cananeia ao final do período do bronze e do êxodo da população dos vales cananeus para as montanhas (Gottwald, 1986). Eu sigo esta hipótese.

A sociedade cananeia anterior a 1200 a.C. se localiza nas planícies (de Sarom e de Jezreel). Não alcança as montanhas que, na época, ainda estão em mata. Está sob o controle de grupos "invasores" de séculos anteriores, que formaram uma casta, uma elite militar (carro de guerra e couraças) que controlava o conjunto. Esta elite militar era urbana. Desde a cidade tinha o controle dos camponeses que viviam ao redor. A cidade com uma pequena

AMOSTRA

parcela de campos ao redor formava uma unidade política: a cidade-estado. A cidade submetia os camponeses explorando seu produto. Os camponeses tinham o controle de seu trabalho e das terras. A elite não era latifundiária. Explorava por ter o controle das armas e a lógica da religião de El e Baal a seu favor. O tributo era pago porque as armas assim o exigiam e porque a religião assim o explicava, em especial nas grandes festas da colheita. A exploração era, portanto, tributarista.

Estas cidades-estado cananeias (Gaza, Megido, Bete Seã, Hazor) eram dependentes do império egípcio. Este, há alguns séculos, dominava a Palestina. Esta era a sua "colônia". Exploravam-na através de tributos que arrecadavam de suas cidades e de saques de guerra. O Egito aumentava, na Palestina, o terror e a miséria. (Até as crianças sabiam que o faraó era terrível.)

O império egípcio e a dominação dos reis das cidades tiveram um fim repentino. Por dentro e por fora foram desarticulados. Por dentro: a cidade do bronze mantinha dentro de si os setores camponeses. Isso já não era possível ao passar para a idade do ferro. As cidades tiveram que ser reduzidas a fortalezas militares. Os camponeses tiveram que organizar-se em aldeias, fora das cidades. Por fora: os povos do mar (filisteus e outros) passaram a controlar Gaza e as cidades próximas. Com isso, o faraó já não podia ir e vir na Palestina. Mas os filisteus, por sua vez, não criaram um império em sucessão aos faraós. Com isto, a Palestina já não vivia em domínios imperiais, o que durou até os assírios (722-701 a.C.). Nesta situação, formou-se Israel, resultando dos seguintes fatores:

a) A desintegração da sociedade, das cidades-estado cananeias, criou para os camponeses a necessidade e a possibilidade de buscar novas soluções para sua vida. Esta solução foi encontrada no êxodo para as montanhas.
b) Este êxodo para as montanhas tornou-se possível porque havia sido criada a técnica de fazer cisternas.

AMOSTRA

c) O uso do ferro tornou mais rápida a colonização das montanhas, e, de todo modo, a terra nova era atraente e a liberdade era um sonho. Israel integra, portanto, a montanha à história.

Diferentes grupos são atraídos por esta novidade em que vai se tornando a montanha. São muito importantes em qualidade, mas muito pequenos em quantidade, falando do ponto de vista histórico. Na Bíblia, os números atribuídos a estes grupos são altos, porém eles têm mais um sentido religioso do que histórico. Dizem algo sobre o valor desses grupos, não sobre sua quantidade.

Temos poucas informações sobre os transmigrantes, que, como o grupo de Abraão, vieram da Mesopotâmia. Parece haver aí algo de histórico, porque a vinculação com Harã na Mesopotâmia se repete em Isaque e em Jacó, mas pouco podemos dizer, historicamente, sobre tais imigrantes.

Por outro lado, há boas informações sobre os pastores palestinenses como Abraão, Isaque e Jacó. Viviam entre o deserto e as matas em uma área, entretanto, habitável para seminômades. Abraão e Isaque pertencem ao sul (a futura Judá), Jacó ao norte (futuros Israel/Efraim). Viviam do pastoreio, da criação de ovelhas. A família era seu horizonte social. Eram grupos muito pequenos; nem formavam tribos. Os problemas internos da família e o perigo que representam as cidades são os temas principais dos textos que falam deles (Gênesis 12-50). Seu Deus é *'el*. Este El atua na família, em favor dela e dos mais frágeis (escravos, crianças). Tem forte ligação com o pai da casa, sendo inclusive o seu Deus. Vai com o grupo. O grupo não vai a ele em peregrinação.

Os pastores de Cades, ao sul de Berseba, são diferentes dos anteriores. Cades é um oásis, bastante forte pelo que se sabe. Neste oásis era decisivo organizar as lutas ao redor da água. Deuteronômio 33,8-10 mostra os levitas nesta função e eles têm sua origem, provavelmente aí.

AMOSTRA

Os pastores do Sinai também são diferentes, porque vivem em uma área muito importante, com rotas comerciais e minas. Têm muita mobilidade. Aparecem em textos do sul do Egito. Seu território de migrações se estende. Isso dificulta saber onde fica o Sinai histórico. Provavelmente ao sul da Palestina em direção à Península da Arábia. O Deus do Sinai é Javé, porque assim o sabemos por uma inscrição egípcia e podemos ler em Juízes 5. Este Javé, nesse momento histórico, nos aparece como Deus de um lugar, uma montanha. Representa uma religião teofânica. Sua característica é não admitir outros deuses. Ele, Javé, é o único. Por aí passa o seu mandamento.

O grupo do êxodo tem alguma ligação com o pastoreio; porém sua origem é outra. São trabalhadores forçados pelo estado do faraó. Tiveram que ajudar a construir Ramessés, a nova capital do Egito, no delta. Daí se livram sob a orientação de Moisés. Resistem, a começar pelas mulheres e os anciãos; por fim, conseguem fugir. Junto ao mar, provavelmente bem ao norte, junto ao Mediterrâneo, escapam de uma guarnição de fronteira. Pelo Caminho dos Filisteus vão para Israel. Aí integram-se ao projeto das montanhas.

Na montanha ocorre uma integração entre estes grupos tão diferentes, entre cananeus e seminômadcs, entre trabalhadores do Egito e gente do Sinai. Têm coisas em comum: todos vêm de um êxodo, fugindo da opressão. Criam uma sociedade já sem opressor, rei ou faraó. Formam, nas montanhas, um antimodelo: anti-estado, anti-faraó, anti-opressão, sem cidades, sem templos, quase sem sacerdócio. O êxodo dos que estiveram no Egito torna-se paradigmático. Passa a estar em lugar de tantos outros êxodos. Afinal, Moisés havia estado "cara a cara" com o faraó e vencera! Assim, o êxodo do Egito torna-se o grande símbolo para todos que se assentam nas montanhas da Palestina.

Na montanha se estabelece o tribalismo (Gottwald, 1986). Nesta descentralização da sociedade está sua unidade. A família, a grande família camponesa é que controla a terra e destina para

AMOSTRA

si e, às vezes, para seus parentes, o produto dela. Já não há tributo, porque não há exército, nem rei, nem sacerdote que necessitem do tributo para não trabalhar. As tribos não são instituições superiores, mas sim de apoio ao camponês e sua família na terra. As tribos não têm vida própria mas são derivadas da necessidade do clã, da família.

Os livros de Josué e Juízes têm como centro o tema da terra. Josué apresenta a libertação da terra (Josué 1—12) e logo, sua distribuição (Josué 13—19). Em Juízes temos histórias de lutas populares organizadas a partir de líderes carismáticos para manter livre a terra, livre dos cananeus (Juízes 4—5) e de outros invasores. Houve lutas para estabelecer e lutas heróicas para manter o projeto tribal, contra os cananeus da planície e contra os reis ao redor. Por ser este o enfoque principal, a atenção dos textos já não está voltada para dentro e não nos descreve o tribalismo como tal, seu funcionamento, sua vida diária.

As tribos tiveram trajetórias muito próprias e específicas. Cada uma segue seu próprio destino. O número doze que aparece no final é mais simbólico do que real. O número é fixo, mas quem são estas doze tribos é difícil de dizer. Houve mudanças. Novas tribos nasceram, outras se integraram.

Ao sul temos uma tribo que vai integrando as demais, é a de Judá. No início só está ao redor de Belém, logo se expande para o sul, incorporando a Hebrom (que era calebita), e avança até Berseba. Esta grande Judá será muito importante para a origem do reinado em Judá e Israel. Ao norte de Judá está outra tribo marcante, a de Efraim. Junto com Manassés e Gileade forma algo como que semelhante à tribo de Judá, porém diferente: em Judá tudo foi integrado; já ao norte cada tribo manteve sua autonomia. Isso é muito típico para o posterior estado de Israel. Entre Judá, ao sul, e Efraim-Manassés-Gileade, ao norte, estão as tribos de Benjamim e de Dã que teve que retirar-se ao extremo norte. Benjamim tem um papel importante na "conquista": Josué

AMOSTRA

1—12 são tradições de Benjamim. Também o primeiro rei, Saul, vem de Benjamim. Mas, Benjamim sofreu derrotas muito duras nestas suas experiências. Dã e Benjamim foram "massacrados" entre Judá, de um lado, e Efraim-Manassés-Gileade de outro. Das tribos do norte não temos muitas informações. Issacar e Zebulom têm seus nomes derivados do trabalho forçado. De algum modo viveram por muito tempo submetidas pelos cananeus. Neftali e Aser ocupavam regiões da montanha.

Especialmente importante é Juízes 5.[1] Este texto é dos mais antigos na Bíblia. Possivelmente é um canto das mulheres junto aos poços de água. Sua importância: *1.* aqui Javé, um Deus da teofania, "se faz" um Deus da história, sem que seja citada a memória do êxodo. É pois, um texto decisivo para a história religiosa de Israel; *2.* o tribalismo tem seu inimigo nos cananeus. Não encontra aliados entre as cidades, mas entre Jael, midianita. Aqui se vê que a luta é social, não racial nem ideológica; *3.* este Israel de Débora não consegue derrotar os cananeus, mas conquista em relação a eles alguns direitos, em especial o de ir e vir.

O tribalismo é igualitário, porque tudo é decidido em família. Aí todos têm o que comer, participam da sociedade em suas possibilidades. Há lugar para os meninos e as meninas no pastoreio, para os anciãos na transmissão do saber, para as mulheres na casa e na produção, para os estrangeiros integrados às famílias, para os homens no trabalho do campo. Todos produziam, consumiam e defendiam esta sociedade. Porém, havia também desigualdades que no momento inicial ainda não aparecem muito fortes mas que podiam reaparecer em algum momento de mudanças sociais de produção: os anciãos decidiam fortemente, os homens dominavam as mulheres, havia inclusive escravos. Em condições especiais e novas, estas tensões poderiam reaparecer em termos de conflitos sociais internos. Isso nos leva a perguntar pela origem

1 Ver: Dreher, 1984, 1986; 1992.

AMOSTRA

da monarquia a partir deste projeto igualitário tribal, ao redor do ano de 1050 a.C. Este é o tema do próximo capítulo.

Esta reconstrução da história, para a qual usamos descobertas arqueológicas, informações e textos do antigo oriente e dados do texto bíblico, é de todo modo muito diferente do que se lê na Bíblia. Como daremos conta deste problema, deste desencontro entre ciência bíblica e texto bíblico, na pastoral e na leitura popular da Bíblia? Por um lado, temos que evitar uma sobrecarga de informações que o povo da comunidade já não pode absorver, diante da qual se torna impotente. Por outro lado, também não se pode ignorar a ciência, fazendo de conta que ela não existe. Uma coisa seria pedagogicamente irresponsável, outra seria desonesta.

Em minha experiência é importante ler o texto bíblico na comunidade, com o povo. É o texto o que anima a vida e as lutas do povo. Por isso, temos que colocar toda a força nisso: na leitura do texto bíblico. E aí na medida da necessidade, de acordo com o interesse, vão se incorporando à leitura informações históricas que poderão ajudar a que não se calque no fundamentalismo. Mas também, tem que se evitar outro tipo de "fundamentalismo", o de simplesmente crer nas informações da ciência, porque esta é provisória, seus resultados nunca são definitivos, estando sempre abertos para novos conhecimentos. Por isso, não se trata de substituir o texto por dados da investigação histórica, mas sim, de ir iluminando a leitura comunitária e popular do texto bíblico, dessa memória profética e transformadora, com descobertas da ciência histórica, na medida do interesse e das possibilidades da comunidade.

AMOSTRA